

## O diálogo com a tradição nas perspectivas de Jauss e Bakhtin

Gislaine Marins\*

Em meados da década de sessenta, o Ocidente contemplou o surgimento de duas perspectivas teóricas que, ainda hoje, constituem campos de estudos abertos a diversas possibilidades de exploração. Hans-Robert Jauss, um dos nomes centrais da Estética da Recepção, apresentou em 1967 uma conferência que, posteriormente, tornou-se conhecida como *História da literatura como provocação à ciência literária*. Cinco anos antes era publicado *Problemas da poética de Dostoiévski*,<sup>1</sup> de Mikhail Bakhtin, livro em que o estudioso russo apresenta o conceito de dialogismo.

O que chama atenção nesses trabalhos é a preocupação dos autores em destacar a vitalidade das obras literárias: Jauss redimensiona o papel da História da Literatura, propondo a substituição da metodologia baseada nos painéis acabados de épocas pelo estudo do efeito e recepção das obras ao longo do tempo; Bakhtin estuda o discurso a partir das oposições lingüísticas tradicionais, mas afirma que o texto literário escapa às abstrações da lingüística, situando as relações dialógicas como um fenômeno concreto.

Embora Jauss e Bakhtin apresentem temas comuns, como a ênfase sobre a continuidade do passado nos textos do presente ou o reconhecimento da função do leitor como um aspecto relevante na constituição da obra literária, a dificuldade de comparar esses autores reside nos fundamentos teóricos que sustentam suas perspectivas. Jauss, no trabalho mencionado, revisa a predominância da visão histórica nos estudos literários e filia-se à hermenêutica, além de recuperar a tradição aristotélica quando define a Estética da Recepção em suas três dimensões – *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis* –,

\* PUCRS.

<sup>1</sup> O livro *Problemas da poética de Dostoiévski* foi publicado em russo no ano de 1929.

como vemos em outros textos do autor.<sup>2</sup> Em Bakhtin, a compreensão do fenômeno literário como um caso especial de comunicação é fundada na visão da linguagem como sistema e na retomada da Retórica, especialmente da estilística, de onde parte para revisar os conceitos de paródia.

Desse modo, a aproximação entre Jauss e Bakhtin justifica-se pela constatação de que suas perspectivas convergem para uma visão dialógica do texto literário. Entretanto, por serem perspectivas epistemologicamente diversas, a comparação entre ambas visa apenas ressaltar os elementos que elas fornecem para a compreensão do texto literário em seu diálogo com tradição.

### Jauss e o Diálogo

Em "Horizon Structure and Dialogicity", Jauss credits a Hans-Georg Gadamer o pioneirismo no enfoque de uma hermenêutica aberta à investigação da obra de arte como um processo que não pode ignorar seu impacto.<sup>3</sup> Segundo Jauss, recuperar a história da recepção e interpretação de uma obra do passado permite descobrir significados que não puderam ser previstos por seus contemporâneos. Para descrever como isso ocorre, o autor usa o conceito de *horizonte*, recuperando a etimologia e os significados que recebeu historicamente, da Patrística e da Escolástica a Nietzsche. Para Jauss, porém, foi Guillaume d'Auvergne quem distinguiu os elementos epistemológicos concernentes ao conceito: "the horizon is the circle that divides two hemispheres, of which one is, of necessity, absent from view",<sup>4</sup> acrescentando a essa definição a característica de poder ser fixo e inalterável ou móvel e alterável.

Conceber o horizonte como aberto ou fechado implica entender a *compreensão* como o reconhecimento e a *interpretação* como a investigação de um significado possível. Em sua hermenêutica literária, Jauss estuda as obras desde uma concepção de horizonte aberto, na qual a busca de novos significados conferem a vitalidade

<sup>2</sup> No ensaio "Estética da Recepção: colocações gerais", Jauss denuncia o legado platônico, que, "muitas vezes não admitido, mostra-se ainda em curso na filosofia contemporânea da arte sempre que se concede à verdade, manifestada pela arte, a primazia sobre a experiência da arte, na qual se exterioriza a atividade estética como obra dos homens" (Costa Lima, 1979, p. 43). No ensaio "O prazer estético e as experiências fundamentais da *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*", Jauss novamente menciona a censura que Platão faz à arte, afirmando que Aristóteles "corrige" essa visão ao descobrir e justificar o prazer catártico (Costa Lima, 1979, p. 65).

<sup>3</sup> JAUSS, Hans-Robert. Horizon structure and dialogicity. In: ———. *Question and answer: forms of dialogic understanding*. Minneapolis: Minnesota UP, 1989, p. 197-198.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 200.

de da literatura. Além disso, a pesquisa sobre as formas de apreensão da arte – sua função comunicativa – em contextos históricos e culturais diversos, remete para a discussão de seu caráter dialógico.

Para Jauss, a compreensão literária torna-se dialógica quando a alteridade de um texto é reconhecida além do horizonte de sua própria expectativa, no confronto com a questão do passado de um texto e do presente de sua recepção. A reflexão hermenêutica, concorrendo com a análise semiótica, busca a alteridade dos textos, a qual não pode ser simplesmente considerada como a descoberta do efeito da distância literária. Nesse sentido, Jauss afirma que a visão de Bakhtin, de que o entendimento está fundado na dialogicidade da palavra, está além da hermenêutica contemplativa.

Em termos de uma *filosofia da arte*, a dialogicidade primeiramente está relacionada ao diálogo entre dois autores, o que pode ser entendido como uma dialética da criação e imitação, da formação e revisão de um cânone estético. Para Jauss, entretanto, é preciso incluir o receptor da literatura no diálogo mantido por seus produtores, reconhecer sua participação na constituição do significado e perguntar como a obra de arte pode ser um trabalho fechado em si e ao mesmo tempo aberto à interpretação. A constituição do significado é um processo sem fim, que ocorre da produção à recepção de uma obra e que envolve a intenção do autor, a obra completa e o seu significado para o receptor.

Jauss considera que o produto da atividade estética do autor nunca é totalmente completado por ele, embora a recepção possa também ser ilusória: "the point of departure for a necessarily inadequate interpretation of the work."<sup>5</sup> Em *História da literatura como provocação à ciência literária*, o autor afirma que a historicidade das obras é dada pela leitura, daí não haver obra atemporal. Para ele, a literatura é voltada para a ressonância, numa relação fundada na lógica da pergunta e da resposta, realizada através de três elementos: o leitor, que atualiza os textos por meio da leitura; o escritor, que se faz novamente produtor; e o crítico, que reflete sobre eles.

O surgimento da obra não se dá num vazio e sua recepção é mediada pelo conhecimento do leitor e pelas expectativas depositadas em relação à continuidade ou ruptura com o que já se conhece. Assim, a obra sempre se refere à tradição e sua compreensão é o processo que retoma os laços com o passado. Esse é o tema de "La *Ifigenia* de Goethe y la de Racine", em que Jauss indaga as razões pelas quais uma obra se torna modelo de arte perfeita e passada.

<sup>5</sup> Jaus, op. cit., p. 211.

Reiterando essa hipótese, Jauss discute a apropriação que André Gide faz de um poema de Théophile de Viau, de 1624, em "'Structural Unity' of Older and Modern Lyric Poetry".

Como já havia pronunciado na conferência de 1967, o autor reafirma a relevância da leitura a contrapelo, que devolva ao clássico sua vitalidade. A "classicização" das obras do passado, desde que a arte da antiguidade perdeu seu caráter paradigmático, denuncia a lógica fundada na constante renovação, transformando cada modernidade numa nova antiguidade. Contudo, o que permanece dessa problematização é a consciência de que as obras constituem um sistema do qual não podem escapar e que configuram o cânone historicamente.

### Bakhtin e o diálogo

Em *Problemas da poética de Dostoiévski* Bakhtin define o dialogismo e apresenta sua filiação teórica. O autor parte da refutação da dualidade *langue/parole*, pois, sendo a lingüística saussureana um sistema abstrato, ignora os aspectos concretos do discurso. Sua preocupação reside na identificação o *ângulo dialógico* sob o qual os discursos se contrastam ou se opõem. Essa concepção é particularmente útil para o estudo da narrativa, em que a diversidade de ligações intra e extratextuais propiciam uma abordagem orientada para esse enfoque. Assim, o *dialogismo* é a relação dialógica da linguagem presente na prosa literária, podendo converter-se em polifonia, se as formas dialógicas não são submetidas ao posicionamento do autor.

Entre os gêneros literários, Bakhtin privilegia o romance, por ser aberto a dialetos sociais, vozes individuais, etc. – tudo que caracteriza uma língua em sua concretude histórica. Sua orquestração é obtida através dos discursos do autor, dos narradores, das personagens e dos gêneros intercalados. A linguagem organizada apresenta-se em três categorias: a hibridização, que reúne dois discursos sob a aparência de uma única enunciação; a inter-relação dialogizada das linguagens, que delimita as fronteiras entre as linguagens e obriga a entrever suas formas plásticas; e os diálogos puros. Contudo, como ressalta Bakhtin, essas categorias estão intensamente imbricadas a partir do conceito de hibridização. O uso monológico ou polifônico do discurso na literatura é aspecto focalizado no capítulo "O discurso em Dostoiévski", mas em trabalhos posteriores, em especial, no ensaio "O discurso no romance", Bakhtin abandona o termo polifonia, preferindo o dialogismo, através do qual chega a uma característica geral da narrativa.

A questão da alteridade, que subjaz as noções de pluralidade discursiva apresentadas por Bakhtin, evoca o discurso em seu aspecto sincrônico e diacrônico, pois é sempre localizado historicamente. A paródia, em especial, liga-se à tradição, revestindo a linguagem com uma orientação diametralmente oposta à do Outro, transformando o discurso em uma luta entre duas vozes. Sua visão de processo histórico é subordinada à concepção do discurso dialógico, que forma o "sistema de línguas" em situação. A retomada do passado, por isso, é uma consequência da própria concepção do dialogismo que constitui o discurso.

O conceito de gênero, relacionado ao desenvolvimento das linhas estilísticas do romance, é, por isso, situado em uma determinada esfera da língua e sua variedade é inesgotável, incluindo registros orais e escritos. A diferença entre as linhas estilísticas do romance estaria situada no modo de arranjo dos elementos de estilização, diálogo e paródia. Tal organização relaciona-se também a questões de época, pois determinados elementos têm maior repercussão e apelo para criar diálogo em determinado contexto.<sup>6</sup> Entre essas linhas, a cultura popular exerce um papel relevante na visão de Bakhtin, pois representa o contraste com a cultura oficial – o modelo utilizado pela crítica literária para comparar todo o desenvolvimento da narrativa. Por esse viés, Bakhtin chega aos conceitos de *grotesco* e de *carnavalização*, o qual, além de ser paródico, implica uma inversão social.

No ensaio "Gêneros do Discurso", Bakhtin volta à questão do gênero, dividindo-os em primários e secundários, ambos inter-relacionados. O processo de formação dos gêneros secundários esclarece a natureza do enunciado, de modo que esses conceitos são vinculados entre si: as formas típicas de enunciado constituem os gêneros literários, que aparecem em uma circunstância de comunicação cultural complexa e predominantemente escrita e, ao mesmo tempo, absorvem e reelaboram a comunicação verbal espontânea. Para Bakhtin, o enunciado é a unidade real da comunicação verbal. Sua particularidade é a alternância de sujeitos falantes, que compõe o contexto do enunciado.

Ao definir o enunciado, Bakhtin usa novamente a comparação com a lingüística, mostrando que, se ela não nega a comunicabilidade da linguagem, coloca-a em segundo plano, pois supõe que

<sup>6</sup> Bakhtin usa o exemplo de Dostoiévski. O escritor, na perspectiva de Bakhtin, tematiza a provação, buscando elementos em tradições históricas que se revelam em seus romances. Bakhtin associa sua obra à herança do romance barroco, à literatura hagiográfica e ao cristianismo. Entretanto, essas relações são tratadas ao nível da organização do discurso, na relação entre o eu e o outro.

o interlocutor está sozinho. Ao contrário, todo enunciado possui certo grau de alteridade, que deixa entrever, ainda que de forma tênue, a remota alternância dos sujeitos falantes e seus matizes dialógicos. O enunciado é voltado para o discurso do outro.

Sendo assim, a perspectiva de Bakhtin sobre o diálogo com a tradição é delimitada por sua concepção de linguagem. O discurso literário explora as possibilidades da linguagem e reorganiza os elementos que se encontram à disposição na língua em sua concretude. O diálogo, portanto, é um pré-requisito do texto literário. Sua orquestração é realizada pelo escritor, mas essa tarefa não é recebe grande relevância, pois o sujeito necessariamente está em situação de diálogo e reproduz isso em seus enunciados (no caso, os que irão constituir a obra).

A concepção de que a relação entre locutor e ouvinte é estática e hierarquizada, em que o segundo participante é passivo, está equivocada, porque o ouvinte que recebe e compreende a significação de um discurso adota de forma reativa uma *atitude responsiva ativa*: "ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc."<sup>7</sup> Bakhtin não discute diretamente a questão da recepção dos textos do passado pelo leitor, como faz Jauss. Contudo, pode-se inferir que o leitor, sendo um sujeito, realiza na leitura uma reelaboração produtiva do texto, a obra torna-se um outro com o qual necessariamente ele estabelece um diálogo e dá significação.

### Jauss, Bakhtin e o diálogo com a tradição

No ensaio "Horizon Structure and Dialogicity", Jauss discute o livro *Estética da criação verbal*, de Bakhtin, trazendo o autor russo para o âmbito da hermenêutica. Para Jauss, a teoria de Bakhtin constitui uma estética da produção, o que permite pô-los em contraste, já que Jauss põe-se no outro pólo da investigação estética, o da recepção. Contudo, tal oposição não deve induzir à conclusão de que são perspectivas excludentes.

Jauss parte de exegese dos textos, da pergunta sobre o significado do texto, enquanto Bakhtin ocupa-se do questionamento sobre a natureza da linguagem, que é anterior à constituição dos textos como obra. Entretanto, o que ambos ressaltam é o caráter produtivo que se constata na produção (Bakhtin) e na recepção (Jauss). A escrita e a leitura mobilizam a capacidade de diálogo

com o passado, do qual nem escritor, nem leitor podem se eximir. Não há possibilidade de interação com o texto sem que essa condição seja atendida.

A comparação entre Jauss e Bakhtin enseja, por outro lado, a busca de elementos que permitam verificar os pólos opostos aos que cada um discute, fazendo inferências. A leitura de Jauss fornece diversas indicações para a interpretação da escrita como um ato de leitura. A recepção pode ser vista como uma segunda leitura, precedida pela do autor. A mesma inversão permite Bakhtin, quando atribui à linguagem a capacidade de propiciar o diálogo, o qual, em última instância, se verifica na recepção concreta, do leitor real.

### Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. O discurso em Dostoiévski. In: —. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981, p. 157-326.

———. O discurso no romance. In: —. *Questões de literatura e estética*. 3. ed. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1993, p. 71-210.

———. Os gêneros do discurso. In: —. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 279-326.

———. Rabelais e Gogol. In: —. *Questões de literatura e estética*. 3. ed. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1993, p. 429-439.

JAUSS, Hans-Robert. A Estética da Recepção: colocações gerais. In: COSTA LIMA, Luiz (Org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 43-61.

———. *História da literatura como provocação à ciência literária*. São Paulo: Ática, 1994.

———. Horizon structure and dialogicity. In: —. *Question and answer: forms of dialogic understanding*. Minneapolis: Minnesota UP, 1989, p. 197-231.

———. La *Ifigenia* de Goethe y la de Racine. In: WARNING, Rainer (Org.). *Estética de la recepción*. Madrid: Visor, 1989, p. 217-250.

———. O prazer estético e as experiências fundamentais da *poiesis*, *aistheses* e *katharsis*. In: COSTA LIMA, Luiz (Org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 63-82.

———. Prólogo. In: —. *Las transformaciones de lo moderno*. Madrid: Visor, 1995, p. 11-24.

———. 'Structural unity' of older and modern lyric poetry. In: —. *Aesthetic experience and literary hermeneutics*. Minneapolis: Minnesota UP, 1982, p. 223-243.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

<sup>7</sup> BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: —. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 290.